

LUTA E GLÓRIA DE UMA FACULDADE

ENTREVISTA HISTÓRICA

Através de uma estratégia política, nasceu a Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás, hoje Cora Coralina. A professora Brasilete de Ramos Caiado, que lutou por 11 anos pela consolidação do ensino superior em Goiás, concedeu-nos, por ocasião do Jubileu de Prata desta instituição de ensino superior, uma entrevista histórica, que recupera a memória da educação na Cidade de Goiás. Essa entrevista foi publicada na primeira edição da Revista *Temporis(Ação)*. Agora, na edição de número 07, republicamos tal entrevista com o propósito de homenagear postumamente a professora Brasilete, figura representativa no cenário acadêmico e cultural da Cidade de Goiás, que faleceu no dia 20 de setembro de 2003.

Temporis(Ação) – Prof^a. Brasilete, a senhora participou da luta histórica pela implantação do ensino superior na Cidade de Goiás. Sabemos que a senhora e Frei Simão Dorvi estiveram à frente do processo. Conte-nos um pouco sobre essa história e sobre a criação da Faculdade de Filosofia.

Prof^a. Brasilete – *A história do ensino superior em Goiás começa em 1972, quando a Rainha dona Maria I, a louca, de Portugal, para premiar a capitania de Goyaz, que não se revoltara contra o império português, como os mineiros de Vila Rica, e mandava anualmente arrobas de ouro, criou a Escola de Filosofia Racional e Moral. Mas vamos à história mais recente. Com a mudança da capital para Goiânia, o ensino público na Cidade de Goiás ficou reduzido apenas ao primeiro grau.*

Além de levarem todos os cursos superiores, Odontologia, Farmácia e Direito, foram transferidos para a nova capital a Escola de Aprendizizes Artífices, hoje Escola Técnica Federal de Goiás, o Lyceu de Goyaz e a Escola Normal, hoje Instituto de Educação de Goiás. Com essas medidas drásticas para a educação da nossa cidade, criou-se um vácuo cultural, a auréola de “berço da cultura goiana” diluiu-se temporariamente e os vilaboenses, desde então, começaram a luta pela reconquista de sua identidade cultural, abalada por esses acontecimentos. Na década de 40, dois grandes educadores, o profº Ferreira e o profº Alcide Jubé, inconformados com essas medidas, pressionaram até conseguirem do Senhor interventor Pedro Ludovico, a criação aqui de um anexo do Lyceu de Goiás, que foi o embrião do atual Colégio Estadual Alcide Jubé. Mais tarde, a profª Dolcy Caiado de Castro formou uma comissão de alunos para reivindicar junto ao governo a criação do ensino público secundário, obtendo êxito. Como vocês podem notar, a luta pelo ensino superior passou pela reconstrução de tudo o que perdemos, em termos educacionais, com a mudança da capital. Somente 23 anos após a transferência do último curso superior daqui de Goiás, que foi a Faculdade de Direito, em 1970, um italiano-vilaboense visionário, que tinha apenas o primário incompleto, chamado Frei Simão Dorvi, vislumbrou que a redenção da Cidade de Goiás teria que passar pelo ensino superior. Ao seu sonho, Frei Simão congregou mais 120 sócios e criou, no primeiro momento, a Sociedade Educacional da Cidade de Goiás, que logo em seguida, transformou-se em Fundação Educacional da Cidade de Goiás – FECIGO, que brevemente se chamará Fundação Cultural Frei Simão Dorvi. Criada a Fundação, um convênio foi firmado entre a FECIGO e Universidade Federal de Goiás, com objetivo de aqui funcionar uma sala do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação. Das duas únicas turmas formadas, à essa época, saíram pedagogas que ajudaram a consolidar o ensino na nossa cidade. Dentre elas, podemos lembrar de Maria Luísa Oliveira, Maria Lúcia Artiaga, Suzel Andrade de Veiga Jardim, Inês e Terezinha Batista, Marlene Veiga, Antônia Valadão Machado, Márcia Calixtrato, a atual diretora da Faculdade Cora Coralina – Maria do Carmo Ribeiro Abreu, e tantas outras que continuam fazendo a história do ensino. A sociedade vilaboense ensinava ter mais do que uma extensão da UFG. Assim, em 29 de agosto de 1792 instalava-se a Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás, criada em 1968, valendo-se de um

estratagema político que vale a pena rememorar. O Governador Otávio Lage, à época, relutava em criar faculdades estaduais por questões financeiras. Aproveitando a sua viagem aos Estados Unidos, o então deputado estadual Brasília Caiado apresentou a Lei 7.031, de criação da Faculdade, à sanção do vice-governador em exercício, Dr. Osiris Teixeira. Foi assim, através de uma astúcia política que refletia o desejo dos vilaboenses e tentava corrigir uma injustiça do passado que foi criada, a 26 de junho de 1968, a Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás. Como vocês podem ver, a história do ensino superior em Vila Boa sofreu com o revés da política, ora madrasta, ora madrinha.

Temporis(Ação) – Por que só depois de 4 anos de sancionamento da lei é que houve a implantação da Faculdade?

Prof.^a Brasilete – *Ocorreu dessa maneira porque, mesmo sancionada a lei de criação, o Governo da época relutava em instalá-la. Mas, com a ascensão de um vilaboense ao governo estadual, o Sr. Leonino Di Ramos Caiado, em fins de maio de 1972, nossas perspectivas mudaram. O inesquecível Frei Simão Dorvi e nós buscamos na residência do presidente da ARENA local, Sr. José Antônio da Serra, contato com o Governador Leonino Caiado. Saímos felizes, ele aqui escera o nosso pedido de instalação da Faculdade. E mais, se ofereceu para proferir a aula inaugural, o que se realizou, solenemente, em 29 de agosto, no auditório do Cine Anhanguera, hoje Teatro São Joaquim. O sonho dos vilaboenses de resgatar o ensino de 3º grau, bruscamente, retirado da nossa cidade no decorrer da década de trinta, estava realizado.*

Temporis(Ação) – Fale sobre o funcionamento dos primeiros anos da Faculdade, havia muitas dificuldades?

Prof.^a Brasilete – *A entidade mantenedora – Fundação Educacional da Cidade de Goiás – FECIGO – entidade sem fins lucrativos, não contava com recursos próprios. Entretanto, tínhamos total apoio do governo estadual através da Secretaria Estadual de Educação e Cultura e um convênio foi assinado entre as*

partes. Outro convênio foi assinado com a UFG para toda orientação didático-pedagógica. Tínhamos um excelente quadro de professores, inclusive alguns mestres. Conseguimos a disposição de professores da UFG que tinham cargos no Estado. Lembro-me do Prof^o Louvercy, da prof^a Nadir Costa Nunes, do poeta Aidenor Ayres, do escritor Álvaro Catelan, da prof^a Ely Falanque, entre outros. O nosso curso era de licenciatura curta em Letras Modernas – Português-Inglês, com 40 vagas. Alguns dos atuais professores da FFCC foram alunos dessa época: Vidal, Maria de Lourdes Lacerda de Oliveira, Marlene Vellasco, Leda Bosco Muniz da Rocha Lima. E da comunidade, me lembro de Hellé Coutinho Alencastro, Rita Caetano Camargo, Iracema Malheiros, Ceila e Sebastião Araújo, Vera e Vânia Azere-do, Tânia Mendes Caiado, Olinda Alves Ribeiro, entre outros.

Temporis(Ação) – E a notificação da Faculdade pelo Ministério da Educação e da Cultura, como foi? É verdade que a comunidade manteve-se apática em relação a esse fato?

Prof^o . Brasilete – Por este aviso Circular de n^o 897, do Sr. Ministro Nei Braga, proibia-se que entidades criadas pelo poder público não poderiam ser gerenciadas por entidades particulares; era o caso da nossa Faculdade. Estávamos no ano de 1975, o Governador do Estado era o Dr. Irapuran Costa Júnior. Por duas vezes Frei Simão, Padre Cirilo Talapka e eu fomos ao Secretário de Educação, Dr. José de Assis a fim de solucionar o impasse, infelizmente, nada conseguimos. Tentamos resolver o problema através da transformação da Faculdade em entidade particular. A 22 de dezembro de 1975, levamos ao Conselho Federal de Educação, toda a documentação referente àquela solução. O processo tramitou durante 2 anos, quando tivemos que refazê-lo, visto ter desaparecido toda a documentação, entregue anteriormente. A comunidade, em vez de unir forças, se omitiu, inclusive tivemos que abrir as inscrições ao vestibular dos anos 75, 76 e 77 duas vezes para conseguirmos número suficiente de candidatos às 40 vagas apresentadas. Havia um descrédito por parte de muitos e a luta de vários anos parecia resultar em vão. Mas Frei Simão e eu não desistimos.

Temporis(Ação) – A Faculdade conseguiu seu objetivo transformando-se em entidade particular?

Prof.^o Brasilete – *Não. Em janeiro de 1978, deparamos com a possibilidade de fechamento da Faculdade, por não atender às exigências do aviso circular 896. Tentamos e conseguimos uma audiência com o então Ministro da Educação e Cultura, Dr. Euro Brandão; colocamo-lhe a par da situação. Imediatamente, ele sustou a homologação do fechamento da faculdade, acrescentando que daria uma solução para o impasse, em uma próxima visita que faria a Cidade de Goiás, em caráter particular. Em sua visita, o Dr. Euro Brandão disse-nos que não haveria outra saída a não ser que o Estado assumisse a responsabilidade de sua criação. Assim, conseguimos convencer o Sr. governador Irapuan da sua responsabilidade em solucionar o problema. Porém, só deu andamento ao processo de transformação em entidade estadual através da então Secretária de Educação e Cultura, Ana Maria Taveira Camargo de Moura Pacheco, em maio de 1978. o pedido do Estado para assumir a Faculdade foi encaminhado ao Conselho Federal de Educação, o qual deu um prazo até 5 de dezembro de 1978 para que o Estado legalizasse a entidade em termos estaduais. Seria condição sine qua non a transformação da Faculdade em uma Fundação. No dia 5 de dezembro, entretanto, nada disso tinha acontecido. E por interferência do jornalista, grande amigo desta cidade, Jaime Câmara que pediu ao Sr. Melchior Luiz Duarte, Secretário do Governo, o encaminhamento e sancionamento do decreto de transformação da Faculdade em Fundação Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás. Tenho comigo ainda hoje um documento histórico: um bilhete em papel timbrado da Televisão Anhanguera, escrito de próprio punho, do jornalista Jaime Câmara que veio acompanhando a xerox do despacho do decreto do Governador legalizando o Curso de Letras, onde ele nos parabeniza pela vitória alcançada.*

Temporis(Ação) – Em que data você assumiu a direção da Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás?

Prof.^o Brasilete – *Assumimos a direção, a 23 de março de 1979, já no*

Governo do Dr. Ary Valadão. Imediatamente, tomamos todas as providências inerentes às várias diligências baixadas pelo Conselho Federal de Educação. No ano seguinte, conseguimos, além de restaurar o prédio do antigo Lyceu de Goyaz, reabrir o vestibular após dois anos de proibição pelo MEC. Conseguimos montar uma excelente biblioteca através de doações, principalmente de Frei Simão que doou a sua biblioteca particular para a Fundação Faculdade de Filosofia. Semestralmente, comprávamos, com dificuldades, alguns exemplares para a biblioteca. Assinamos algumas revistas americanas, encadernamos os exemplares do Jornal Folia de Goiás. E, aos poucos e com a colaboração daqueles que acreditaram no sonho, conseguimos dar uma estrutura mínima para o reconhecimento do Curso de Letras.

Temporis(Ação) – Quais foram as medidas tomadas, na sua gestão, para o reconhecimento do Curso de Letras – Licenciatura Plena em Português/Inglês?

Prof^a. Brasilete – *De acordo com o Conselho Federal de educação, após dois anos de funcionamento do Curso de Letras, levamos a documentação para obter o desejado reconhecimento do curso. E para a alegria de toda a comunidade vilabonense, em fins do ano de 1984, já na gestão do Sr. Pedro Vinícius Pereira, era reconhecido o Curso de Letras – Português/Inglês, Licenciatura Plena.*

Temporis(Ação) – Prof^a Brasilete, qual a sua mensagem ao comemorarmos o Jubileu de Prata da nossa querida Faculdade de Filosofia Cora Coralina?

Prof^a. Brasilete – *Durante 11 anos, lutamos pela consolidação e qualidade do Ensino Superior. Tivemos momentos de grandes decisões, às vezes, favoráveis, outras vezes, desfavoráveis. Conseguimos ultrapassar muitas barreiras, várias turmas se formaram, novos cursos foram criados e a Faculdade atinge hoje a sua maturidade. Vila Boa, como no passado, pode se orgulhar dos grandes mestres formados pela Faculdade: Divina Paiva, Cléudia Barbosa Martins, Marlene Vellasco, Divino Rabelo, entre outros, a nossa doutoranda Solange Fiúza Cardoso Yokozaka*

wa e a nossa doutora Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo. É um exemplo, como segunda entidade de Ensino Superior, criada neste Estado, de luta, perseverança e glórias. E como o sonho não morre nunca, é nossa esperança, tê-la como embrião da almejada Universidade Estadual de Goiás.